

Em busca do Brasil autêntico: o uso dos discursos científicos e a imagem do brasileiro no pensamento verde-amarelo dos anos 1920

Lorena Ribeiro Zem El-Dine*

O tema dos intelectuais, as tensões e conflitos inerentes a sua escrita e a construção de sua identidade tem sido uma perspectiva privilegiada para a compreensão da história brasileira nas primeiras décadas do século XX. Trata-se de um contexto profícuo em representações acerca do Brasil, considerando-se o apelo que a nação assumiu no cenário intelectual da época. Ao mesmo tempo, ocorria uma profunda reelaboração da imagem do intelectual, decorrente, em parte, do posicionamento que os “homens de letras” assumiram frente à urgência de construir e popularizar uma ideia de brasilidade. Desde fins do século XIX o intelectual era, cada vez mais, tido como um intérprete da realidade e dedicado aos problemas do seu tempo; papel que se tornava relevante em meio ao sentimento de desesperança das elites com relação à república recentemente implantada. Por outro lado, esse momento delicado de releituras respondia à especialização e profissionalização dos saberes em curso no Brasil, que trouxe a tona senão um contraponto, pelo menos uma autoridade concorrente a do “homem de letras” – a autoridade do cientista (SÁ, 2006).

Entre fins do século XIX e as primeiras três décadas do século XX, segundo Dominichi Miranda de Sá (2006), entrou em decadência a imagem do “homem de letras”, reconhecido e admirado por sua capacidade de transitar entre os diferentes saberes e cultura geral. Em contrapartida, os cientistas, detentores de conhecimentos cada vez mais especializados, tornavam-se os novos membros prestigiados dos círculos intelectuais (SÁ, 2006: 13). Essas transformações, ainda que avaliadas positivamente pela elite intelectual da época como sinais do ingresso brasileiro na modernidade, implicaram em tensões entre os representantes do velho e o do novo modelo intelectual, o que fomentou um diálogo criativo, permeado de concessões e recusas, com os conhecimentos científicos que faziam sucesso na época.

Considerando estas questões, o projeto de doutorado tem como proposta analisar a percepção dessas transformações que ocorreram no campo intelectual, considerando-se, sobretudo, a emergência do cientista como seu novo ator. Em linhas gerais, a intenção é

* Doutoranda em História das Ciências e da Saúde (COC/FIOCRUZ). Essa pesquisa está sendo desenvolvida com a orientação do professor Dr. Robert Wegner e recebe financiamento da FIOCRUZ.

refletir sobre como estas mudanças foram recebidas por membros da elite cultural brasileira que não se envolveram diretamente nas atividades científicas e como dialogaram com os conhecimentos produzidos neste campo. Mais especificamente, um dos objetivos é estudar a vertente modernista verde-amarela formada por Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, enfocando o diálogo com as teorias científicas difundidas no período, relacionadas às ideias de raça, miscigenação e eugenia e com interpretações recorrentes naquela época sobre o Brasil e os brasileiros.

O recorte temporal é a década de 1920. Neste período, os modernistas verde-amarelos – com exceção de Menotti Del Picchia que possuía número considerável de obras publicadas –, iniciavam suas carreiras intelectuais escrevendo para jornais e periódicos. O *Correio Paulistano* reuniu o maior volume de suas publicações, sendo também o principal meio de veiculação do ideário do grupo entre os anos de 1926 e 1929.¹ Nos textos escritos para este jornal, a crítica à imitação estrangeira e a necessidade de, a partir de uma contribuição autêntica e originalmente brasileira, universalizar a cultura nacional aparecem como propostas centrais do grupo e desenvolvem-se a partir de um contraponto às vertentes modernistas lideradas por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, acusadas de levantarem uma bandeira nacionalista falsa, porque espelhada nas vanguardas artísticas europeias.

Para os verde-amarelos, a perspectiva adotada por aqueles intelectuais refletia um comportamento predominante nas cidades litorâneas do país, principalmente o Rio de Janeiro, contaminadas pelo cosmopolitismo. Ao contrário das cidades, nas áreas rurais, ou no interior do país, estaria ainda preservada pelos seus habitantes a essência nacional (RICARDO, 1926a: 47-48). Assim, defendendo uma aproximação com essas regiões e um maior contato com a realidade nacional, os verde-amarelos, exaltaram o brasileiro do interior, procurando, inclusive, eles próprios, assumir uma identidade caipira.²

Na década de 1920, eram recorrentes algumas interpretações acerca do Brasil e dos brasileiros. De um lado, essas interpretações eram ainda bastante influenciadas pelas teses raciais popularizadas no Brasil na segunda metade do século XIX, que viam com pessimismo os resultados da miscigenação. Em meados da década de 1910, tais previsões foram associadas pelo escritor Monteiro Lobato a apatia, a preguiça e ao atraso do brasileiro do interior representado por seu personagem “Jeca Tatu”. De outro lado, tais impressões assimilavam as informações reunidas nos relatórios das expedições científicas ao interior do

¹ Sobre a importância do *Correio Paulistano* para a divulgação do ideário verde-amarelo ver SODRÉ, 1966 e RICARDO, 1970.

² Consultar, por exemplo, SALGADO, 1926b; RICARDO, 1926b. Sobre esta discussão, ou seja, a do “intelectual que se auto-identifica como caipira” consultar LIMA (1999: 150-154).

país realizadas no início do século XX que, contribuindo com os projetos de interiorização do país não traziam um diagnóstico mais animador a respeito das condições sanitárias e de saúde das populações rurais. Ainda que absolvessem o brasileiro enquanto povo, descartando o fatalismo biológico e atribuindo sua apatia e atraso ao descaso dos políticos com o interior do país, apontaram a doença, que se manifestavam endemicamente pelos sertões brasileiros, como “o principal problema do país e o maior obstáculo à civilização” (LIMA & HOCHMAN, 1996: 23). Desse modo, para sustentar o seu projeto de construção da cultura nacional a partir do interior, os verde-amarelos precisaram enfrentar diretamente ambos os diagnósticos, o primeiro, das previsões negativas a respeito dos cruzamentos raciais; o segundo, que associou a imagem brasileiro do interior à doença.

A discordância do grupo com relação à sátira do brasileiro do interior criada por Monteiro Lobato configura um dos veios no qual este debate se desenvolveu. Menotti Del Picchia refere-se ao Jeca Tatu como “ilusão literária pelo humorismo cético e destrutivo de Lobato” e critica os que, afeitos a aquela imagem, consideravam “o homem rural tipo organicamente deficiente” (DEL PICCHIA, 1926). Sua argumentação, no entanto, assenta-se na ideia de que a miscigenação não trouxe resultados negativos no caso brasileiro, e não na desautorização dos discursos científicos que apresentavam uma visão negativa a respeito dos cruzamentos raciais.

Com relação às campanhas de saneamento do interior do Brasil, os verde-amarelos não discordaram da urgência de realizá-las, inclusive consideraram-nas, junto com a educação, um dos pontos fortes do programa político de políticos paulistas como Júlio Prestes e Washington Luís, elogiados pela atenção dedicada ao desenvolvimento das regiões rurais de São Paulo (RICARDO, 1928). Contudo, a síntese mais representativa do otimismo que o discurso sanitarista inspirou nos intelectuais dedicados à construção de uma imagem acerca do brasileiro, foi, novamente, a de Monteiro Lobato. Nos anos 1920, o escritor paulista criou uma nova versão para o Jeca Tatu onde, a partir dos esclarecimentos e promessas da ciência, desculpava-se com o seu personagem admitindo que o personagem não era culpado por seus defeitos, mas sim vítima da pobreza e do abandono das áreas rurais pelas elites políticas (LOBATO, 1956: 335-339).³ Embora o diálogo dos verde-amarelos com o Jeca Tatu tenha se dado num período posterior a popularização de sua segunda versão escrita por Monteiro Lobato, é sobretudo a primeira versão de 1915 que aqueles autores procuraram lembrar ao

³ Sobre a influência do discurso sanitarista na construção do personagem Jeca Tatu ver LAJOLO, 1983; DIWAN, 2007; LIMA & HOCHMAN, 1996.

contrapor a preguiça e indolência ressaltadas do Jeca ao sertanejo repleto de energia física e agente da modernização (DEL PICCHIA, 1927).

A divergência dos verde-amarelos com determinados prognósticos científicos, como o modo ambíguo com que fizeram uso de outros provenientes desse mesmo campo, parece estar relacionada a uma concorrência com a ciência na construção de retratos sobre o país. Nesse sentido chama atenção a perspectiva intuitiva e sentimental com que os verde-amarelos encararam a apreensão dos caracteres nacionais (MORAES, 1978: 49), em contraponto a uma versão analítica, racional, científica. Em linhas gerais, para os verde-amarelos, o artista possuía maior capacidade de traduzir a realidade nacional que o cientista, detinha uma espécie de dom divinatório. Sua visão era mais apurada porque sintética e imediata; diferente do olhar do cientista, que pela necessidade de inquirir, fragmentar e contrapor teorias deformaria o seu objeto de análise.⁴

Tal percepção evidencia os perfis nos quais os verde-amarelos se reconheceram e o papel que se atribuíram, creditando a si mesmos, maior competência para realizá-lo; além disso, destaca as incongruências e fissuras que permearam o discurso verde-amarelo. Apesar da crítica aparentemente radical que fizeram à capacidade de o discurso científico de traduzir a realidade brasileira, a ciência foi, em muitos casos, invocada para subsidiar determinadas opiniões do grupo modernista. Como se pode ver no trecho a seguir, em que Menotti Del Picchia comenta a respeito das consequências da miscigenação no Brasil:

nenhum país do mundo realizou o milagre de plasmação étnica mais completo que o Brasil, conseguindo cruzar três raças poligenéticas, diametralmente opostas na sua textura orgânica e na sua organização mental: o luso, o preto e o índio. [...] o que resultou dessa mistura [...] foi um tipo prodigioso de energia física e de iniciativas que conseguiu desbravar, fixar-lhes as fronteiras, possuir e defender uma das pátrias geograficamente maiores do mundo. Isso quer dizer que o poligenitismo [...] não representou nenhum mal para a raça (DEL PICCHIA, 1926).

Neste texto de 1926, Menotti Del Picchia comenta o projeto de lei apresentado por Alfredo Ellis Jr. à Câmara Estadual Paulista, no dia 17 de agosto daquele ano, visando a criar um “aparelhamento técnico-científico para o fim de estudar e orientar cientificamente” sobre as correntes migratórias que chegavam ao estado de São Paulo. Alfredo Ellis Jr. defendia a importância de reunir informações a respeito da adaptação dos imigrantes de diferentes nacionalidades ao país e de sua miscigenação com a população local. Tais informações serviriam para orientar a seleção das raças que melhor se adaptavam ao ambiente brasileiro e para formar, futuramente, uma população “com verdadeiros característicos eugênicos, sob os

⁴ Consultar VASCONCELLOS (1979: 64; 117), VELLOSO (1983: 33-42) e MORAES (1978: 123-124).

pontos de vista físico, fisiológico, moral e intelectual”. O projeto de lei foi aprovado três dias depois da submissão, sem motivar grandes polêmicas, e foi comentado por Menotti Del Picchia e Oliveira Vianna, em artigos publicados naquele ano no *Correio Paulistano*.

O trecho acima corresponde a um dos argumentos apresentados por Menotti Del Picchia para contrapor-se a proposta do Deputado Paulista que foi também seu companheiro de redação no *Correio Paulistano*. Mesmo admitindo os benefícios que trariam a implantação do projeto, segundo Menotti Del Picchia “a fiscalização eugenizadora seria um bem inestimável”, o escritor considera a proposta do Deputado Alfredo Ellis Jr. uma maneira “puramente lírica” de enfrentar o problema do povoamento e da carência de mão de obra que necessitava de uma solução prática e urgente. Segundo o escritor, uma seleção eugênica dos imigrantes considerados desejáveis ao país, realizada com o rigor da proposta apresentada por Alfredo Ellis Jr., seria desnecessária se levados em conta os resultados positivos da mistura racial que havia se dado historicamente no meio brasileiro, conforme o trecho transcrito anteriormente. Assim, era necessário apenas evitar “o enquistamento de grandes núcleos cinegéticos em zonas de difícil acesso, onde se ilhariam sem possibilidades imediatas de cruzamento” e “a entrada de elementos defeituosos ou pouco sadios, rebeldes à disciplina social, perigosos, portanto, à ordem” (DEL PICCHIA, 1926). Note-se que a crítica de Menotti Del Picchia a Alfredo Ellis Jr. incide apenas na ausência de um caráter prático na proposta de seleção racial – eram boas as ideias, no entanto, era preciso ter em vista a urgência de solucionar o problema da mão de obra. Com relação à restrição a entrada no país de indivíduos indesejáveis, por exemplo, não havia do que discordar.

Oliveira Vianna, que foi outro colaborador assíduo do *Correio Paulistano*, apoiou amplamente o projeto de Alfredo Ellis Jr. Segundo ele, seria impossível realizar uma avaliação segura acerca das raças que demandariam o país levando em conta aspectos estritamente biológicos. Não só porque os estudos sobre os mecanismos de hereditariedade realizavam muitas generalizações a partir pesquisas com espécies de plantas e animais, não observando a especificidade da biologia humana, mas, também, porque era necessário considerar as interações das diversas raças com o meio tropical. Assim, as investigações que seriam realizadas na execução do projeto de Alfredo Ellis Jr. implicariam em uma seleção racial mais segura, isto é, após ser conhecido o valor de cada raça em função do ambiente. Tal como Menotti Del Picchia, Oliveira Vianna enfatizou, ainda, a necessidade de aplicar, imediatamente, – na medida em que não dependeria de estudos prévios –, um “selecionismo negativo”, impedindo a entrada no país de indivíduos como loucos, idiotas, mendigos e portadores de moléstias contagiosas (OLIVEIRA VIANNA, 1926).

Retornando ao grupo verde-amarelo, em muitos casos, aquela versão positiva da miscigenação desenvolvida no texto de Menotti Del Picchia citado anteriormente, e presente também nos de Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, procurou apoiar-se nas ideias de José Vasconcelos⁵ e sua teoria sobre o surgimento de uma raça, mestiça, na América. Esta nova raça “cósmica”, conforme a denominou o intelectual mexicano, seria em tudo superior as raças existentes até então, pois, reuniria, a partir dos cruzamentos entre os diferentes tipos raciais existentes, as melhores qualidades de cada um. O surgimento desta raça inauguraria um novo ciclo na história em que a América ocuparia um lugar de destaque.⁶ Uma curiosidade desse discurso é a de que apesar da interpretação original sobre os cruzamentos raciais, que ignora os seus prognósticos negativos recorrentes naquele contexto, José Vasconcellos adotou uma linguagem próxima a das teorias raciais que buscou refutar, característica em que se aproxima do que apontamos anteriormente com relação aos verde-amarelos. De acordo com Alexandra Stern, Vasconcellos utilizou-se dos mesmos princípios da genética de Mendel para argumentar que “una ‘raza’ híbrida perfecta que combinaba los rasgos superiores de los índios, los asiáticos, los blancos y los negros podría producirse al seguir una ‘eugenesia misteriosa de gusto estético’ em vez de la ‘eugenesia científica’” (STERN, 2000: 61).

Para uma extensa bibliografia sobre as primeiras décadas do século XX, esta aparente ambiguidade ou contradição que, em muitos casos, desdobrou-se, inclusive, na adoção concomitante de teorias que no campo científico apresentavam-se como opostas, é recorrente nos textos da época. Contudo, tal comportamento, ao invés de uma inabilidade para lidar com os discursos científicos, revelariam as diferentes estratégias adotadas pelos intelectuais para a apropriação desses discursos, na tentativa de adequá-los aos seus pontos de vista, e, numa perspectiva mais ampla, as diversas variáveis locais (STEPAN, 2005; VENTURA, 1991).

Levando em conta este aspecto, ou seja, o de que a recepção do conhecimento científico desdobrou-se, muitas vezes, em releituras criativas, que destacaram determinados aspectos e silenciaram a respeito de outros, um dos objetivos da pesquisa de doutorado será evidenciar o diálogo do modernismo verde-amarelo com a ciência, procurando refletir acerca destas escolhas, bem como sobre os usos que de termos e conceitos provenientes desse campo e a importância que tiveram na construção do ideário do grupo. Por outro lado, tendo em vista a emergência do cientista e o respaldo que suas opiniões alcançaram no cenário intelectual

⁵ Entre outros textos, referências ao intelectual mexicano José Vasconcellos podem ser encontradas em SALGADO (1926: 95) e (1927: 18).

⁶ Segundo Nancy Leys Stepan (2005; 158-164), essa ideia foi desenvolvida por José Vasconcelos em dois polêmicos ensaios, *Raça Cósmica* (1924) e *Indianología* (1925).

brasileiro do início do século XX, estudar como os verde-amarelos ao perceberem estas transformações se apropriaram dos novos valores e papéis que passaram a estar associados à imagem do intelectual.

Referências bibliográficas

DEL PICCHIA, Menotti. Mirasol, a cidade de nome lindo. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 29 out. 1927.

_____. O problema racial. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.3, 26 ago. 1926.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura. Uma História da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ/UCAM, 1999.

_____. & HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república.” In: SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

LOBATO, Monteiro. “Jeca Tatu. A ressurreição”. In: *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LAJOLO, Marisa. “Jeca tatu em três Tempos”. In: SCHWARCZ, R. (Org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MORAES, Eduardo Jardim. *A Brasilidade Modernista. Sua Dimensão Filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

RICARDO, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

_____. “Nem Ruy, nem Jeca.” In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editorial Hélios Limitada, 1926 a.

_____. Literatura Cínica. *Correio Paulistano*, p. 3, 18 fev. 1926 b.

_____. Prejuízos Literários. *Correio Paulistano*, p.3, 26 maio 1928.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão. Médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1995.

SALGADO, Plínio. *A Anta e o Curupira*. São Paulo: Editorial Hélios Limitada, 1927.

_____. Academia Verde-Amarelllo. *Correio Paulistano*, p.3, 27 set. 1926 a.

_____. Reflexões. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.3, 10 fev. 1926 b.

_____. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda, 1926 c.

_____. A Revolução da Anta. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*, São Paulo: Editorial Hélios Ltda.,1926 d.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STERN, Alexandra. Mestizofilia, Biotipología y Eugenasia en el México Posrevolucionario: hacia una historia de la ciência y el estado, 1920-1960. *Relaciones*, v. 21, n. 81, 2000.

VASCONCELLOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira. A Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Monica Pimenta. *O Mito da Originalidade Brasileira: A trajetória Intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 1920 ao Estado Novo)*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1983.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

VIANNA OLIVEIRA. Seleção Imigrantista. *Correio Paulistano*. São Paulo, p. 5, 15 set. 1926.